

Entrevista com Alex Garrido: Educação quilombola decolonizando corpos e mentes

Portal Cenpec: Você é licenciado em Ciências Biológicas com ênfase em Meio Ambiente e desenvolve pesquisas sobre currículo e educação decolonial, com foco na contribuição dos saberes étnico-raciais quilombola, indígena e caiçara. Pode contar um pouco com esses diferentes campos de conhecimento dialogam em suas pesquisas e em sua prática docente?

Alex Garrido: A pesquisa contribui para uma compreensão sistêmica entre a *política de vida* dos povos tradicionais em suas comunidades (quilombola e caiçara) que vivencio as potencialidades do seu ser-viver-fazer-saber-pensar-estar como formas de existir e experienciar o bem viver no mundo. O trabalho demonstra a proposição dialética acerca das contradições das políticas curriculares, que se destina às concepções do mercado entre habilidades e competências (Banco Mundial), voltadas para as metas (OCDE), avaliações externas (PISA) no projeto neoliberal.

Tal processo promove a construção de uma outra identidade para o sujeito, ou seja, deixa viver e faz morrer o sujeito da cultura, um processo que denominei Necrocurrículo. Entretanto, há nas escolas um grupo de educadores que tensionam a lógica da transmissão, mecanização das mentes e corpos, para evitar forjar educandos programados para a obediência e perda sobre a morte das identidades dos sujeitos sócio-históricos.

A proclamada morte da História que significa, em última análise, a morte da utopia e do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. [...] Quanto mais me deixe seduzir pela aceitação da morte da História tanto mais admito que a impossibilidade do amanhã diferente implica a eternidade do hoje neoliberal que aí está, e a permanência do hoje mata em mim a possibilidade de sonhar (FREIRE, 1996, p. 59).

A exemplo da área de conhecimento das Ciências Naturais, a disciplina de Biologia, que aborda o ensino de Ciências, deve ser provocada no sentido ético-político e pedagógico do percurso de formação escolar. O currículo que se projeta como construção social e formador de identidades requer o compromisso ético-político no entendimento das relações humanas, dos conhecimentos e saberes considerados legítimos em sua tessitura, no campo dos direitos como garantia das dignidades e sobre as questões ambientais no tempo/espaço escolar.

Requer assim, uma adoção das Epistemologias do Sul – abordadas no Pensamento Decolonial a partir do conceito da Justiça Curricular sobre as dimensões da convivência, do conhecimento e do cuidado, que visa no chão da Escola disputar o território do percurso de formação (PONCE, LEITE, 2019)

para evitar a política do currículo da morte. Uma imposição aos constructos das tradições da modernidade impostas pela racionalidade e teologia eurocêntrica na Matriz de Poder no seu imperativo de superioridade, guiadas pela história da cristandade iluminista, do capitalismo e arquitetado no projeto neoliberal.

Neste sentido que o ensino de Ciências não é neutro e não deve ser trabalhado de forma isolada, cartesiana e linear (Desenvolvimento Científico; Desenvolvimento Tecnológico; Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Social), ou seja, de modo histórico ao que se propôs a ciência moderna ao analisar, coisificar, reificar, animalizar corpos, culturas e as linguagens dos povos africanos e indígenas (GARRIDO, et al, 2017).

Nas ideias de Fanon (2008), “Fugiremos à regra. Deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem”, pois esses, não dão conta dos modos de vida pertencentes a *Abya Yala* e aos povos colonizados e escravizados nestas *Terras Vivas*.

Decolonizar os corpos e mentes exige um conjunto de Atitudes Decoloniais, o currículo é um território em disputa e requer um Giro Decolonial sobre o conhecimento privilegiado, outra ética e normativa instituída no chão da escola sob a égide da Educação Decolonial com pedagogia própria.

Isso não significa que a Educação Decolonial em sua pedagogia visa destituir as concepções científicas (SANTOS, 2019). No entanto, busca-se ampliar a compreensão dos fenômenos no sentido da Justiça Cognitiva, para construir uma plataforma dialógica participativa no caminho freireano da democrática radical (LIMA, 2000), perpassada pela justiça social/étnico-racial pela redistribuição de bens e acesso a serviços, por meio do reconhecimento e valorização dos povos tradicionais, oriundos dos saberes ancestrais e afrodiaspórico, transmitidos de geração a geração que sustentam o seu ser, viver, saber, fazer, pensar e estar no mundo.

Um esperar freireano no caminhar da utopia por Justiça Social, no que estendemos a Justiça Racial na qual lutamos contra o racismo, sexismo, LGBTfobia, misoginia, capitalismo em prol das diversidades e contra a herança da colonialidade presente na sociedade brasileira.

Portal Cenpec: Você atua com os conhecimentos tradicionais quilombolas e caiçaras tanto na frente da educação comunitária, como na escolar. Como essa dupla atuação contribui para você pensar um currículo diferenciado?

Alex Garrido: A educação não é uma exclusividade da escola formal. Educar e educar-se é uma ação coletiva e contínua que acontece a todo instante no viver, existir, saber e fazer sobre as práxis dos sujeitos nas comunidades em

diversos espaços das esferas sociais, sejam elas públicas ou privadas. Com isso, quero dizer que a educação diferenciada não passa apenas pelo crivo das instituições e dos agentes educadores e educadoras.

A exemplo da educação quilombola os agentes educadores são os mestres e mestras griôs, artesãs, agricultores, pescadores, benzedeiros, iyálorixás, babalorixas e construtores de engenhos tecnológicos, incluindo neste cenário sujeitos das comunidades com formações específicas: pedagogas, cineastas, músicos, enfermeiras, cozinheiras, entre outras e outros que comungam com essas relações formativas.

Tais sujeitos pertencentes à cultura desenvolvem no território a formação política para (re)construir o Bem Viver na política de vida da comunidade. Reconheço nos territórios cosmovisões que se revelam nas práticas cotidianas um campo de artesanias teorizadas a partir da ancestralidade afrodiaspórica.

Elementos que não se separam dos corpos receptores do sentir (Olfato de mundo, Paladar de Mundo, Tato de mundo, Escuta de mundo, Visão de Mundo e a espiritualidade em conexão com os mundos dos sentidos). GOMES (2017) afirma que são corpos que produzem saberes e estão permeados pela estética-corpórea, saberes identitários e saberes políticos.

Essa afirmação dos corpos que produzem um outro lugar de saborear a vida para conhecer e saber - a exemplo do Paladar de mundo como encontro, o sabor que vem do saber, na perspectiva da pedagogia da Encruzilhada que vem de Èsù.

Intui-se nesta condição a **percepção dos valores e saberes dos sujeitos do conhecimento em sua pedagogia oprimida que são: as pedagogias-pretas, pedagogias-afrocentradas, pedagogias-indígenas**, ou seja, um conjunto de saberes que constituem as pedagogias das ausências citadas por Santos (2019).

Neste sentido dos corpos que produzem, faço apreensão que devem ser esses **os sujeitos formadores e formadoras, dos educadores e educadoras na educação formal em parceria com os intelectuais orgânicos, negros, negras, indígenas e caiçaras que atuem nas temáticas, porém priorizando a presença dos sujeitos do conhecimento e da cultura.**

Neste sentido, o currículo diferenciado requer uma formação diferenciada, tenho afirmado que não sou quilombola, não sou caiçara ou indígena, mas exercito a escuta atenta na proposição política e ética. Tenho em vista a minha assunção de homem negro, sambista, periférico, biólogo, curricularista, epistemólogo do ensino de Ciências e das epistemologias dos saberes afrodiaspórico, lugar que posso falar do campo teórico, pedagógico, didático, no campo do direito educacional. Porém não sou o sujeito do conhecimento quilombola, caiçara e indígena.

Considero relevante lembrar que esses são os autênticos sujeitos da práxis significativa, que escuto atento na oralidade a história que faz viver a utopia (FREIRE, 1996). **Portanto, vislumbro o envolvimento nas trocas, um percurso de movimentos dialéticos entre o ensinar e aprender na relação entre os sujeitos-pesquisadores, sujeitos-educadores e saberes-conhecimentos, no processo horizontal, sem que sujeitos/saberes-educadores/conhecimentos estejam verticalizados hierarquicamente ou encobrendo valores pertencentes aos saberes e conhecimentos.**

Portal Cenpec: Em sua prática escolar, como se estabelece o diálogo entre o currículo escolar e os saberes tradicionais quilombolas e caiçaras? Pode compartilhar com a gente algumas experiências nesse sentido?

Alex Garrido: O diálogo é um instrumento potente e construtor de novas sínteses. Não há saber mais ou menos, há saberes diferentes (FREIRE, 1987). **É justamente a diferença entre os saberes e conhecimentos que busco em minhas práticas pedagógicas construir coletivamente com e para os sujeitos do currículo o conhecimento novo, segundo as ideias do constructo freireano.**

Uma das atividades, Contação de Histórias, Oralidade e Arte, desenvolvida na Escola do Quilombo da Caçandoca em Ubatuba (litoral norte do estado de São Paulo), acerca da Educação Diferenciada. Tivemos a presença do Mestre Griô Senhor Horácio Marcolino que no campo da oralidade nos abrilhantou com os

conhecimentos históricos de sua infância, adolescência e juventude. Destacou o período escolar e suas brincadeiras vivenciadas na escola do Quilombo da Caçandoca. Trouxe elementos significativos de como fazer a roça, o que era uma rama de mandioca, plantio agroecológico. Relatou ainda sobre a casa de farinha e toda a sua produção para geração de renda e da importância da farinha de mandioca para a relação socioeconômica das famílias no território quilombola.

Busquei interpolar informações do Ensino de Ciências e apresentar e elementos conceituais acerca da

Escola do Quilombo da Caçandoca
Dia 30/09 e Dia 01/10 às 13h00
Professor: Alex Garrido
Educação Diferenciada no Quilombo
Contação de História Oralidade e Arte

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
com o Grande Mestre Griô Horácio

A história será ouvida, desenhada e pintada pelos Alunos e Alunas em um pano branco e servirá de cortina para a Escola do Quilombo da Caçandoca

A.R.C.Q.C

alfabetização científica, sobre o conteúdo de Botânica, respiração celular da plantas, nutrientes do solo, questões de sustentabilidade no plantio agroecológico e as relações socioeconômicas advindas da cultura quilombola. Entre outras narrativas, o Mestre Griô Horácio contou sobre a ciranda que faziam em frente à escola. Enquanto aprendíamos e ensinávamos, as educandas e os educandos desenhavam a história em papéis, que depois foram projetados em desenhos no pano e pintados pelos educandos, que recontaram as histórias apresentadas na oralidade do Mestre Griô Horácio Marcolino.



Portal Cenpec: Qual é a importância de conhecer e valorizar a cultura e a história dessas comunidades - indígenas, caiçara e quilombola - contribuir para a construção de uma sociedade antirracista e de fato democrática?

Alex Garrido: Somos sujeitos históricos inacabados e inconclusos, neste pensamento freireano quero aproximar a concepção da palavra da filosofia africana **Sankofa**, da língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em sua etimologia, *Sanko* significa voltar e *fa* quer dizer trazer, buscar. Em sua simbologia representada por uma ave que tem os seus pés no chão, com o corpo para frente e seu pescoço voltado para trás.



Assim estamos com os pés no presente, mas voltamos para o passado em nossas origens, para conhecer, buscar e trazer para uma perspectiva presente, elementos do nosso passado para projetar o futuro. **Neste sentido, nos constituímos sujeitos históricos que nos liga a um passado ancestral, que nos orienta no presente, para pensar onde sonhamos estar no futuro. Quero dizer com isso, que se trata de um sonho, uma utopia a ser conquistada, um percurso no sentido do esperar que trará novos olhares, novas perspectivas, por isso, inconcluso e inacabado.**

Conhecer é um movimento de abertura, diretivo e intencional, assim é a educação não neutra (FREIRE, 1987). A partir de Sankofa, ao conhecer suas origens, compreendo no percurso do reconhecimento mútuo (RICOUR, 2004), a possibilidade de reconhecer a si mesmo diante da assunção em Freire (1996) o reconhecimento do outro, seja esse um processo da diferença, sobre a ética da alteridade com Dussel (2000), a liberdade do sujeito em determinar o que é valorização a si mesmo, não deve ser negada sobre a perda dos direitos a sua liberdade de autodeterminação.

O não reconhecimento do outro como sujeito de direitos provoca a injustiça, que por sua vez, determina o direito da luta pelo reconhecimento. Em uma democracia radical, no sentido freireano, a construção do percurso curricular é coletiva e participativa, cabendo a escuta atenta acerca das reivindicações dos que sofrem com a desumanização.

O autêntico diálogo permite e abertura para valorização e reconhecimento das diferenças e constrói caminhos éticos-políticos-pedagógicos de baixo para cima, de acordo com as necessidades e a partir das vítimas, aqui entendidas pelas diversidades: negros, negras, indígenas, caiçaras comunidade LGBTQIA+, Mulheres e comunidade surda. Com isso, compreendo que, por meio de uma democracia construída pelas vítimas, conseguiremos mitigar as desigualdades sociais. Eu tenho a minha utopia e sonho com a Justiça Étnico-Racial.

PONCE, Branca Jurema ; LEITE, Carlinda. EM BUSCA DA JUSTIÇA CURRICULAR: AS POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL. *Revista e-Curriculum*, v. 17, n. 3, p. 794–803, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/45229>>. Acesso em: 2 Dec. 2021.